

A Produção do Conhecimento Geográfico

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento Geográfico

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento geográfico [recurso eletrônico] /
Organizadora Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (A Produção do Conhecimento
Geográfico; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-78-9

DOI 10.22533/at.ed.789181211

1. Ciências agrárias. 2. Percepção espacial. 3. Pesquisa agrária
– Brasil. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 630

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra *“Abordagens teórico-metodológicas no âmbito da Ciência Geográfica Agrária”* aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seu I volume, apresenta, em seus 15 capítulos, são discutidas diferentes vertentes das Ciências Agrárias, com ênfase na Geografia Agrária.

A Geografia Agrária engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento da agricultura, bem como o aumento produtivo e melhorias no manejo e preservação dos recursos naturais.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia Agrária, refere-se a um a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras e etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo, e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação de trabalho, mas também são incluídos fatores econômicos, naturais, tecnológicos e gênero.

Neste sentido, este volume dedicado a Geografia Agrária, apresenta artigos alinhados com a produção agrícola, conservacionismo, tecnologia, turismo rural, cultura e relações de gênero no campo. A importância dos estudos agrários é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos geógrafos em desvendar a realidade dos espaços rurais, bem como entender as distintas relações do campo com o capital.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
NOVAS TERRITORIALIDADES NA FRONTEIRA PANDINA BOLIVIANA: A PAN – AMAZÔNIA EM CONFLITO	
<i>Francisco Marqueline Santana</i> <i>Josué da Costa Silva</i>	
CAPÍTULO 2	16
REFORMA AGRÁRIA, ASSENTAMENTOS RURAIS E PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO NO LITORAL SUL DA BAHIA	
<i>Hingryd Inácio de Freitas</i> <i>José Levi Furtado Sampaio</i> <i>Guiomar Inez Germani</i>	
CAPÍTULO 3	26
AGRICULTURA E ECONOMIA ESPACIAL EM MOSSORÓ/RN: DINÂMICAS E ESPECIFICIDADE REGIONAL.	
<i>Alexandre Alves de Andrade</i>	
CAPÍTULO 4	36
CENTRO E CENTRALIDADE URBANA EM VÁRZEA GRANDE/MT NO PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA DA AGROPECUÁRIA DE MATO GROSSO	
<i>Rosinaldo Barbosa da Silva</i> <i>Nelba Azevedo Penna</i>	
CAPÍTULO 5	46
GEOGRAFIA DA AGROINDÚSTRIA DE SOJA ARGENTINA E OS IMPOSTOS ÀS SUAS EXPORTAÇÕES.	
<i>Pablo Martin Bender.</i>	
CAPÍTULO 6	58
O SISTEMA DE INDICADORES DE POTENCIALIDADE COMO MODELO DE ANÁLISE DAS (RE) CONFIGURAÇÕES TERRITORIAIS DA PRODUÇÃO ORGÂNICA NO AGRESTE CENTRAL DE SERGIPE	
<i>Cléane Oliveira dos Santos</i> <i>Rosemeri Melo e Souza</i>	
CAPÍTULO 7	72
AS PAISAGENS VITÍCOLAS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL: O CASO DO VALE DOS VINHEDOS E DA CAMPANHA GAÚCHA	
<i>Vinício Luís Pierozan</i> <i>Vanessa Manfio</i>	
CAPÍTULO 8	84
OS TERRITÓRIOS DO VINHO DA CAMPANHA GAÚCHA E DO VALE DOS VINHEDOS, BRASIL: ENTRE O TRADICIONAL E OS MODERNOS VINHEDOS	
<i>Vinício Luís Pierozan</i> <i>Vanessa Manfio</i>	

CAPÍTULO 9	98
SABOR ARTESANAL: O TURISMO CERVEJEIRO COMO FENÔMENO ESPACIAL EM RIBEIRÃO PRETO - SP	
<i>Alex Rodrigues De Oliveira</i>	
CAPÍTULO 10	107
CONSIDERAÇÕES SOBRE A TECNOLOGIA DAS EMBALAGENS CARTONADAS NA CADEIA PRODUTIVA DE LEITE NO BRASIL: DO LOCAL AO GLOBAL	
<i>Bruno M. C. de Albuquerque</i> <i>Jacob Binsztock</i>	
CAPÍTULO 11	123
O SETOR DE SEMENTES NO BRASIL E SUA CONTRIBUIÇÃO NA MODERNIZAÇÃO DOS TERRITÓRIOS RURAIS NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX	
<i>João Luciano Bandeira</i>	
CAPÍTULO 12	133
DESAFIOS PARA A CONSERVAÇÃO DAS SEMENTES CRIOULAS	
<i>Maria Angela Comegna</i>	
CAPÍTULO 13	143
CAFEICULTURA EM RONDÔNIA: MODERNIZAÇÃO E SUBORDINAÇÃO AO MERCADO	
<i>Tiago Roberto Silva Santos</i> <i>Ricardo Gilson Da Costa Silva</i>	
CAPÍTULO 14	153
A AGRICULTURA DE PRECISÃO E AS RELAÇÕES DE GÊNERO	
<i>Tainara Bruna Montagna</i> <i>Roseli Alves dos Santos</i>	
CAPÍTULO 15	162
AS MULHERES E A AGRICULTURA FAMILIAR: O CASO DA LOCALIDADE DE PICADA FELIZ, NO MUNICÍPIO DE SÃO LOURENÇO DO SUL – RS	
<i>Caroline Tapia Bueno</i>	
SOBRE A ORGANIZADORA	172

NOVAS TERRITORIALIDADES NA FRONTEIRA PANDINA BOLIVIANA: A PAN – AMAZÔNIA EM CONFLITO

Francisco Marquelineo Santana

Doutorando do Programa de Pós - Graduação de Mestrado e Doutorado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Porto Velho – RO

Josué da Costa Silva

Docente do Programa de Pós - Graduação de Mestrado e Doutorado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Porto Velho - RO

RESUMO: Neste artigo pretendemos elucidar o processo migratório ocorrido durante o segundo ciclo da borracha nas décadas de 1970/80 na Amazônia Sul – Ocidental, mais precisamente na Região da Ponta do Abunã – Estado de Rondônia e nos seringais do Rio Mamu - Departamento de Pando, na fronteira Brasil – Bolívia. A referente pesquisa se estende ainda até o advento do Governo Evo Morales no ano de 2006 e a consequente implantação do programa de reforma agrária naquele país que culminou com a expulsão de seringueiros brasileiros do território pandino por camponeses bolivianos fortemente armados. Com a eclosão do conflito os dois governos buscam uma solução diplomática para o problema e recebem assistência da Organização Internacional para Migrações – OIM, um organismo da ONU.

PALAVRAS-CHAVE: Migração; Fronteira;

Territorialidade

ABSTRACT: In this article we intend to elucidate the migratory process occurred during the second rubber cycle in the 1970s / 80s in the South - West Amazon, more precisely in the Region of Ponta do Abunã - State of Rondônia and in the rubber plantations of the Mamu River - Pando Department, in the Brazil - Bolivia border. The research still extends until the advent of the Evo Morales Government in 2006 and the consequent implementation of the agrarian reform program in that country that culminated in the expulsion of Brazilian rubber tappers from the pandino territory by heavily armed Bolivian peasants. With the outbreak of conflict, the two governments seek a diplomatic solution to the problem and receive assistance from the International Organization for Migration (IOM), a UN agency.

KEYWORDS: Migration; Border; Territoriality.

1 | INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa apresentar o processo migratório ocorrido a partir dos quatro primeiros decênios do século XX de camponeses nordestinos para a Amazônia Sul – Ocidental brasileira durante o advento do segundo ciclo da borracha. Procurando uma nova alternativa

para fugir da seca que sempre castigou o semiárido nordestino, e atraídos pela linguagem persuasiva adotada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado Novo, os sertanejos deixam a terra natal para reconstruir novos saberes num território até então desconhecido dos novos migrantes. É neste cenário desafiador que surgirá a figura do soldado da borracha ou “Arigó”, como era comumente chamado pelos seringueiros oriundos do primeiro ciclo da borracha.

O processo migratório era conduzido pelo Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para Amazonas – SEMTA do Governo Vargas. Os sertanejos carregam em si um vasto campo do imaginário social e nos seringais nativos irão construir novas territorialidades onde o desprezo e a segregação oriundos da desterritorialização serão futuramente superados através de novas relações do homem com o espaço e tempo.

Agora fixado na Amazônia Sul – Ocidental brasileira o soldado da borracha para fugir da exploração e dominação de grandes seringalistas buscam refúgio na pátria boliviana e vão habitar os seringais do Departamento de Pando. Mais tarde outra leva de migrantes seringueiros, escapando do avanço desenfreado da pecuária extensiva também migram para o país vizinho. Um exemplo claro de análise desses processos migratórios foi a Região da Ponta do Abunã no Estado de Rondônia na fronteira com o Município de Santos Mercado na província Federico Román, onde os extrativistas brasileiros vão sobreviver nos seringais e colocações do Rio Mamu, um importante afluente do Rio Abunã.

Agora chamados de brasivianos e distante do domínio dos seringalistas, os seringueiros viveram épocas de fartura e boas relações com o país vizinho, até que a identidade brasiviana fosse de vez ameaçada: com o advento do Governo Evo Morales a partir de 2006 e com a adoção de novas medidas do programa de reforma agrária na Bolívia, milhares de camponeses fortemente armados invadem as terras até então habitadas pelos brasileiros, expulsando - os de seus seringais e provocando um imbróglia diplomático entre as duas nações.

Com a eclosão deste conflito entra em cena a área diplomática dos dois países que acionam a Organização Internacional para Migrações – OIM, um organismo da Organização das Nações Unidas – ONU que inicialmente recebeu 10 milhões de dólares para realizar o assentamento dos brasivianos em território federal brasileiro e que estivessem residindo na franja de 50 km da área de fronteira boliviana.

Em suma, independente dos que residiam ou não na faixa dos 50 km, todos os brasivianos foram ameaçados e expulsos. A OIM numa parceria com o Ministério das Relações Exteriores – MRE e com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, realizaram o assentamento dos brasileiros nos Estados de Rondônia e Acre, mas o sério abandono a que foi submetida esta população tradicional, comprova o fracasso da parceria, visto que das 30 famílias que foram assentadas em Rondônia, apenas uma permanece no assentamento. No Estado do Acre cerca de 20 famílias permanecem às duras penas, lutando pela sobrevivência.

2 | DESENVOLVIMENTO

O tema ora estudado é o resultado de mais de vinte anos deste pesquisador na Região da Ponta do Abunã – Estado de Rondônia - Brasil, e de mais de dez anos no Rio Mamu – Departamento de Pando – Bolívia e tem como suporte teórico o método fenomenológico.

Desta forma e depois de analisarmos que seria necessário compreendermos os fatos que antecederam os atuais acontecimentos para em seguida conduzir e produzir esta pesquisa científica que remonta desde a gênese da figura do soldado da borracha até a eclosão de um conflito internacional e suas consequências seria necessário atentarmos para que instiguemos inicialmente a influência da linguagem persuasiva no sertão nordestino durante o Estado Novo Vargas e a chegada nos extrativistas nos seringais nativos da Amazônia Sul – Ocidental Brasileira e boliviana.

Em seguida adentraremos no advento do Governo Evo Morales e a nova geografia política para o Departamento de Pando na Bolívia, o que culminou com a expulsão dos seringueiros brasileiros dos seringais pandinos.

Finalmente analisaremos a importância das ações de assentamento dos seringueiros brasivianos para o território federal brasileiro, coordenadas pela Organização Internacional de migrações – OIM, um organismo da Organização das Nações Unidas – ONU.

Todo material coletado desta pesquisa foi minuciosamente catalogado de forma cronológica, de acordo como os fatos que iam acontecendo tanto no Rio Mamu na Bolívia como na Região da Ponta do Abunã no Estado de Rondônia.

3 | A LINGUAGEM PERSUASIVA NO SERTÃO NORDESTINO E O SURGIMENTO DO SOLDADO DA BORRACHA.

As secas periódicas no sertão nordestino obrigavam famílias inteiras a percorrerem léguas de estradas em busca da preciosa água. A mulher transformava um velho pedaço de pano (molambo) em um pequeno suporte oval denominado rodilha, - ou “rudia” na linguagem popular do sertão - para receber um “pote de barro” em sua cabeça. Já outros em “melhores condições”, colocavam um cabresto num jumento, depois os “cambitos” e duas ancoretas de madeira para fazer o transporte de água até seu destino final.

Desta forma o homem simples do sertão vai enfrentando os desafios na natureza com suas cotidianas adversidades, e vítima da “indústria da seca”, marcha valentemente chorando as mágoas de um sistema político-econômico caduco e atrofiado, que o condena às margens da sociedade capitalista.

As secas de 1915 e 1942 deixaram rastros de miséria e desolação. Neste momento entra em cena o departamento de imprensa e propaganda – DIP, órgão responsável pelas propagandas oficiais do Estado Novo. O DIP comandaria uma

intensa campanha ideológica que visava persuadir os flagelados da seca a marcharem rumo a Amazônia brasileira e a conquistarem o novo “Eldorado”.

Desta forma podemos assim dizer que a linguagem persuasiva durante o Estado Novo exerceu poderosa influência no senso comum do sertanejo que a partir daquele momento vão se integrar a tão dogmática batalha da borracha.

A sutileza e versatilidade do discurso, pode neste sentido consolidar o desejo de seu autor, fazendo com que o receptor aceite as condições de seu domínio

Persuadidos e convencidos a embrenharem-se no desconhecido, homens, mulheres e crianças estavam agora determinados como soldados da borracha em abraçar a seringueira e extrair dela seu sustento. Paralelo à persuasão, a seca de 1942 também veio contribuir para que os retirantes fossem recrutados e migrassem rumo a uma nova vida. A coordenação de mobilização econômica do Estado Novo, visando atender o interesse americano pela borracha natural brasileira, criou o SEMTA (Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para o Amazonas), o SESP (Serviço Especial de Saúde Pública) e a SAVA (Superintendência de Abastecimento do Vale Amazônico).

O nordestino voluntário passava a ter de imediato, um emprego com um salário de meio dólar por dia e alojamento para toda a família, até o dia da partida (...) prometiam ainda, que os imigrantes teriam 60% da borracha produzida, 50% da castanha colhida, 50% da madeira derrubada, o direito livre à caça, pesca, às peles de animais silvestres e ainda a um hectare de terra para plantar. (SOUZA, 2004. p. 21, 22).

Conforme nos aponta Secreto, “A propaganda para recrutar os trabalhadores explorou alguns elementos do imaginário, dos desejos das emoções, por meio de símbolos e de um discurso severo e apelativo”. (SECRETO 2007. P. 125). O Governo Vargas cria o Serviço de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia - SEMTA, um programa coordenado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda - DIP, que notadamente exercia forte influência no sentido de fortalecer e consolidar a migração de nordestinos para os seringais amazônicos. Desta forma:

A propaganda para mobilizar os trabalhadores para a Amazônia teve duas dimensões: uma nacional e outra local. Na dimensão nacional, a batalha pela borracha se encaixava no programa de ocupação e colonização dos “espaços vazios” e nos esforços de guerra do Brasil. Na esfera local, a emigração de nordestinos para a Amazônia era uma questão que contava com uma longa tradição e alguns debates. (SECRETO, 2007. P. 125).

A linguagem persuasiva estava presente em todos os lugares da Região Nordeste. O sentimento de “patriotismo” invadia todos os lares. A reversão do quadro de miséria parecia está próximo.

“Em 1945 a imprensa internacional denunciava o desastre da campanha da borracha, falava-se em 25.000 mortos ou desaparecidos”. (SECRETO 2007. p. 131).

Para SILVA (2000), o objetivo da propaganda durante o Estado Novo do governo Vargas era justamente atrair o maior número possível de extratores para ingressar na “Batalha da Borracha” e neste sentido a autora nos deixa os seguintes esclarecimentos:

“Além dos sentimentos patrióticos, outros subterfúgios foram usados. A propaganda enganosa apresentava a Amazônia como paraíso e eldorado, oferecendo grandes possibilidades de enriquecimento para aqueles que entrassem no ‘exército’”. (SILVA, 2000, p. 65).

4 | A PONTA DO ABUNÃ.

A região denominada Ponta do Abunã é formada por um conjunto de quatro distritos e igualmente banhados pelas águas do Rio Abunã. Os distritos são: Extrema, Nova Califórnia, Vista Alegre e Fortaleza do Abunã. A região compõe uma área total de 5.515,87 km² correspondendo a 16,18% da área total do Município de Porto Velho, na qual está política e geograficamente integrada. A população total é de 14.382 habitantes, distribuída da seguinte forma entre os distritos circunvizinhos: Vila Extrema (6.176 habitantes); Nova Califórnia (3.631 habitantes); Vista Alegre (4.125 habitantes) e Fortaleza do Abunã com 450 habitantes, conforme senso atual do IBGE (2010).

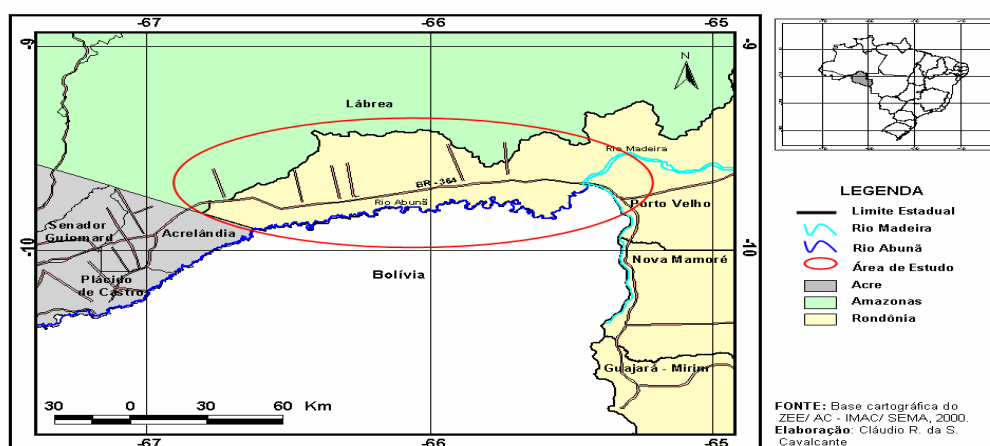


Figura 1 -Mapa da Ponta do Abunã

Fonte: Base cartográfica do ZEE/AC – IMAC/SEMA, 2000.

Considerada o braço ocidental de Rondônia, a Ponta do Abunã é assim conhecida por se formar em uma faixa de terra que se estende desde os limites do Acre e Rondônia, à margem esquerda do Rio Abunã até sua foz no Rio Madeira. Este é um dos principais rios daquela região e da Amazônia em geral. Assim, a área estende-se da confluência dos Rios Abunã e Madeira, no noroeste do Estado de Rondônia, até o limite com Estado do Acre.

A área limita-se ao norte com o município de Lábrea, no sul do Estado do Amazonas. Ao leste com o município de Acrelândia no Acre. Ao sul, separado pelo Rio Abunã, limita-se com o Departamento de Pando na Bolívia, e ao oeste, encontra sua divisa com o distrito de Abunã, através do Rio Madeira.

Considerada o eixo central da região, o distrito de Extrema localiza-se a 180 km

de Rio Branco, capital do Estado do Acre e a 327 km de Porto Velho, capital do Estado de Rondônia.

Também chamada de Alto Madeira ou Bolsão do Madeira, a região de Ponta do Abunã, teve seu nome batizado e amplamente divulgado, devido ao seu rio principal, o Abunã, também chamado de Abuná na parte boliviana. Este caudaloso rio amazônico nasce na cordilheira oriental dos Andes bolivianos, exatamente da junção dos Rios Xipamanu e Caramanu, ambos localizados no Departamento de Pando. Os principais afluentes do Rio Abunã, são os rios Rapirrán, Mapim, Negro e Rio Mamu, este último será tema principal no último capítulo desta dissertação. O Rio Abunã tem um comprimento aproximado de 375 km e sua formação geológica faz brotar lindas cachoeiras e pequenas cascatas.

5 | O DEPARTAMENTO DE PANDO.

Criado através do decreto supremo de 24 de setembro de 1938, o Departamento de Pando possui cinco províncias: NicolázSuárez, Manuripi, Madre de Dios, Abuná e Federico Román. A população estimada de Pando é de 52.525 habitantes (CENSO – 2001), projetada em 2006 para 69.500 habitantes, abrangendo uma área de 63.827 km² e tendo a cidade de Cobija como sua capital. Cobija foi fundada em 09 de fevereiro de 1906, localiza-se à margem direita do Rio Acre, fazendo divisa com o município acreano de Brasiléia e possui uma altura média de 280 metros acima do nível do mar.

O Departamento localiza-se ao Norte da República Boliviana e limita-se ao Norte com a República Federativa do Brasil, ao Sul com o Departamento de La Paz, a Oeste com a República do Peru, e a Leste com o Departamento de Beni e também com o Brasil.

De clima agradável, Pando possui uma temperatura média de 26,6 graus e é dono de uma considerável precipitação que alcança uma média em torno de 1.800mm.



Figura 2 – Dep. Pando na fronteira com o Estado de Rondônia

Fonte: sol de Pando.com

Observemos sua exuberante floresta tropical e a diversidade de sua flora: castanha do Brasil (*Bertholletia excelsa*), seringueira (*Hevea brasiliensis*), e tantas outras, tais como, cedro, itaúba, ipê, cumaru, piqui, andiroba, maracatiara, cerejeira, garapeira, etc. Suas palmeiras predominantes são: buriti, babaçu, pupunha, bacaba, patuá e açai. Assim como a flora, sua fauna também se identifica com a Amazônia ocidental brasileira, vejamos: anta, paca, javali, capivara, cutia, etc.

Os rios mais conhecidos do Departamento de Pando são: Acre, Abuná, Orthon, Manuripi, Tahuamanu e Madre de Dios. Além de outros rios aqui não listados neste Departamento, existe o Rio Mamu, também conhecido por Manu ou Mapiri, e que é objeto de estudo deste capítulo.

O Rio Mamu, de aproximadamente 140 km de extensão é um dos principais afluentes do Rio Abunã, que possui uma extensão aproximadamente de 375 km. Além do Rio Mamu, o Abunã possui também outros importantes afluentes, tais como, Negro, Kharamanu, Rapirrán e Chipamanu.

O Rio Mamu nasce no Município de Santa Rosa Del Abuná – província de Abuná, e desemboca no Município de Santos Mercado – província Federico Román.



Figura 3 – Seringal Cumaru – Rio Mamu – Pando – Bolívia

Fonte - Projeto ética e Cidadania, 2010.

6 | OS SERINGAIS NATIVOS FRONTEIRIÇOS E SEU ENTRELAÇAMENTO MULTICULTURAL.

Devido as suas vastas proximidades fronteiriças com o Estado do Acre e com a Região da Ponta do Abunã, Estado de Rondônia, o Departamento tornou-se um grande acolhedor de seringueiros brasileiros que constantemente migravam para a tão cobiçada região amazônica boliviana.

A Ponta do Abunã possui uma forte ligação identitária com o Estado do Acre, prova disto foi a questão do litígio entre Acre e Rondônia pela posse das vilas Extrema e Nova Califórnia e que só veio terminar com a decisão do Supremo Tribunal Federal

em 04 de dezembro de 1996.

Diante do exposto a Ponta do Abunã até 1996 sempre compartilhou com os mesmos acontecimentos históricos surgidos no Acre, mantendo também uma acentuada ligação com o Departamento de Pando na Bolívia.

Os distritos de Extrema e Nova Califórnia na época de litígio eram ligados politicamente ao município acreano de Plácido de Castro e sempre tiveram boas relações de vizinhança entre si e com a população ribeirinha do Rio Mamu, localizado nas províncias de Federico Román e Abuná no Departamento de Pando.

Neste sentido podemos afirmar que o surgimento da pecuarização ocorrida no Estado do Acre a partir da década de 70 também se fez presente em toda região denominada Ponta do Abunã.

No Acre já havia chegado a notícia de paz, sossego e fartura do Rio Mamu. Seringueiros que viviam nas proximidades de Rio Branco vinham pela estrada de chão que ligava o Acre a Ponta do Abunã, e chegando a Extrema e Nova Califórnia faziam suas travessias para o Rio Mamu, através do Rio Abunã.

A maioria dos seringueiros que migravam para o Rio Mamu era proveniente principalmente do município de Plácido de Castro. Muitos seringueiros vindos de Brasiléia e Xapuri, chegando a Rio Branco, pegavam a estrada (Rodovia 101) que liga a capital, até o município de Plácido de Castro, e ali se fixavam.

O Município de Plácido de Castro no Acre, assim como a região da Ponta do Abunã em Rondônia, são banhados pelo Rio Abunã, favorecendo assim, uma ligação natural entre os dois Estados. Este rio que nasce na Bolívia, passa pelos municípios de Plácido de Castro e Acrelândia no Acre, e em seguida percorre a costa Sul dos distritos de Nova Califórnia, Extrema, Vista Alegre e Fortaleza do Abunã, para em seguida chegar à sua foz no Rio Madeira.

A Ponta do Abunã tornou-se, portanto, importante eixo de passagem de seringueiros acreanos com destino ao Rio Mamu.

Além da vinda de seringueiros acreanos para esta região, muitos seringueiros também deixaram suas colocações em seringais localizados no Sul de Lábrea, Estado do Amazonas, e emigraram para o tão cobiçado rio pandino boliviano.

A junção das águas do Abunã e Mamu tornou-se fator decisivo para a construção histórica de uma casa inter/multicultural de seringueiros brasivianos.

Observemos que a região pandina boliviana que faz fronteira com a região da Ponta do Abunã no Estado de Rondônia, ainda carrega as velhas tradições dos seringais da Amazônia ocidental brasileira durante os períodos áureos da borracha natural.

Seringueiros e castanheiros sobrevivem do que a floresta oferece e não desperta em si o menor interesse em destruir sua beleza, desta forma os seringais nativos bolivianos ainda resistem ao avanço da pecuária extensiva e ao mundo globalizado do agronegócio. Já a fronteira territorial brasileira mostra a dura realidade do desmatamento iniciada principalmente a partir da década de 70, que culminou com o

surgimento de grandes fazendas na região.

Os tradicionais seringais nativos da Ponta do Abunã ainda estão grudados na memória dos soldados da borracha. Na sede do distrito de Extrema, encontrava-se a antiga colocação de seringa denominada de “Centro Seco”, denominação atribuída devido ao Igarapé Seco que até hoje corta aquele distrito.

Depois de percorridos aproximadamente 195 km da sua nascente, o Rio Abunã receberá as águas escuras de mais um importante afluente: o Rio Mamu. O encontro dessas águas e o encantamento da floresta banhada por cerca de 160 km por onde se estende as águas do Mamu carrega no seu bojo uma notável história de colonização ocorrida durante os dois grandes ciclos da borracha da Amazônia e que resiste até hoje aos avanços avassaladores da era da globalização, preservando uma rica biodiversidade existente nos seringais nativos da região pandina boliviana.

7 | A NOVA GEOGRAFIA POLÍTICA PARA O DEPARTAMENTO DE PANDO E A ECLOSÃO DO CONFLITO NO RIO MAMU.

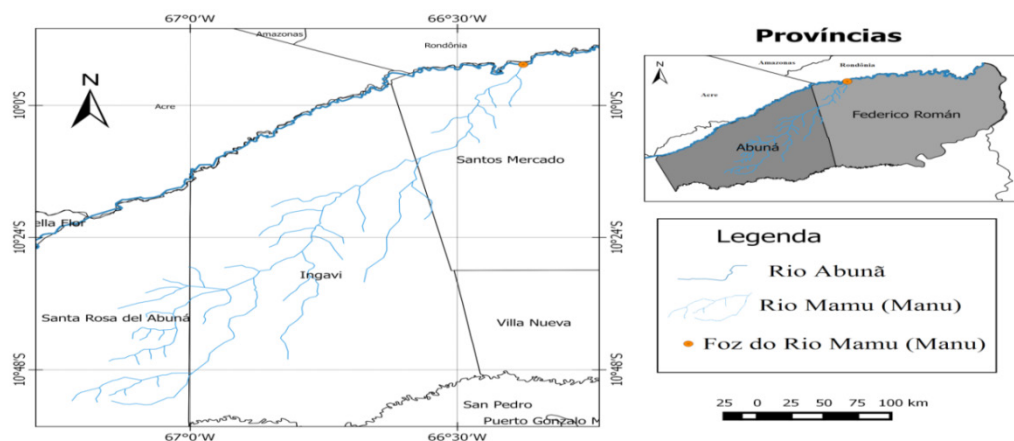


Figura 4 – Mapa do Rio Mamu – Pando

Fonte: Elaborado por Miquéias Lima Duarte

O Rio Mamu possui uma diversidade de extensos seringais na região pandina boliviana, desde sua nascente no município de Santa Rosa Del Abuná na província de Abuná, até a sua foz, no município de Santos mercado na província de Federico Román.

Partindo da sua foz, iremos encontrar o primeiro seringal do Mamu: O seringal “Carolinda”, que foi abandonado por uma família de brasileiros que ali residiam. Dona Maria, como era conhecida pelos demais seringueiros, voltou ao Brasil em busca de terra no seu próprio país, e hoje se encontra morando num assentamento no Sul de Lábrea no Estado do Amazonas.

Em seguida, e continuando a percorrer o Rio Mamu, iremos chegar ao seringal Pedro Porto onde residia Manoel Aguiar. Este seringal também se encontra totalmente abandonado e o senhor Manoel atualmente está fazendo tratamento médico em

Rio Branco no Estado do Acre. Logo adiante avistaremos outros grandes seringais localizados às margens do Rio Mamu: o seringal Cumaru onde mora Carlos Shantain, sua esposa Ângela Ortiz e mais seis filhos do casal; O seringal Passarinho, onde vive dona Maria Pereira dos Santos e seu irmão Francisco Pereira dos Santos, que residem há mais de quarenta anos neste seringal; o seringal Barca Farol de França Arruda; o seringal Santa Rita do seringueiro brasileiro José Mendonça e mais adiante os seringais Palmares e Pedra Chorona, do senhor Manuel Pereira da Silva, conhecido por Dino.

Outros antigos seringais do Rio Mamu embelezam suas águas, como veremos nas denominações a seguir: Santo Antonio, Baixa Verde, Arraial, Cachoeirinha, Providência, Tabocal, Cabeluda, Barro Alto, Saúbal, Onça, Castanheira, Companhia, Primavera, Buriti, Porto Barba, Casa de Barro, Palmares II e Mapiri.

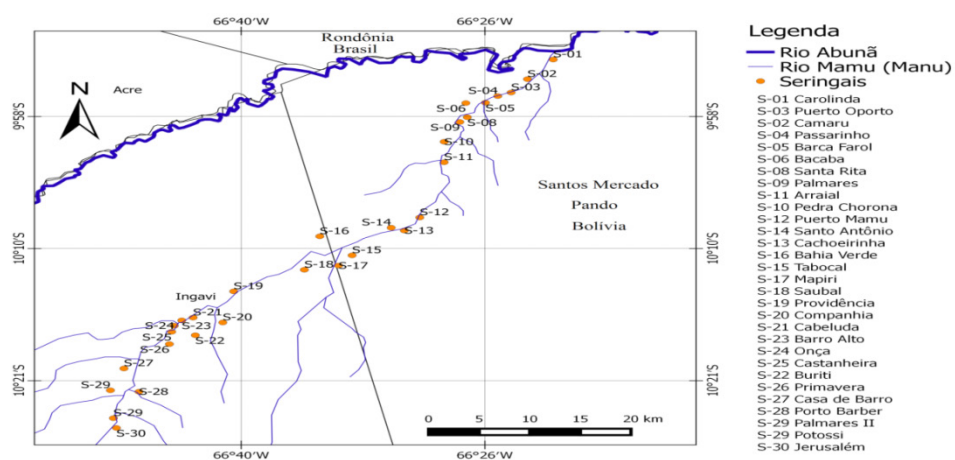


Figura 5 – Seringais do Rio Mamu – Pando

Fonte – Mapa elaborado por Miquéias Lima Duarte

Com a subida de Evo Morales ao poder em 2006, a organização dos trabalhadores e dos grupos subalternos da Bolívia ganha mais força e autonomia. Diante do fortalecimento das classes menos favorecidas, o projeto oligárquico boliviano sente-se ameaçado frente à adoção de políticas públicas implantadas pelo governo federal, que decididamente começava a desenvolver ações voltadas para o processo de consolidação de reforma agrária naquele país.

O primeiro presidente indígena da Bolívia passou a desconhecer projetos neoliberais que visavam tão somente atender aos interesses oligárquicos e passou a comandar um governo de massas, objetivando reverter uma história de praticamente cinco séculos de dominação e exploração.

Com Morales os programas de nacionalização e reforma agrária tornam-se essencialmente prioritários, fatores que contribuíram para uma reação imediata e violenta da classe dominante. Indígenas e camponeses começaram a adquirir autonomia, e através de uma forte organização democrática e popular, passaram a conquistar importantes direitos sociais na luta pela terra.

Políticos de direita também se organizam e imediatamente criam o que ficou

conhecido como a “meia lua”, um movimento que reuniu os Departamentos mais ricos da Bolívia: Jarija, Santa Cruz, Beni, Chuquisaca e Pando.

O Departamento de Pando, parte integrante da Amazônia boliviana é o primeiro a se rebelar contra o Governo Federal. O governador de Pando, Leopoldo Fernandez, liderava o movimento da “meia lua” naquele departamento e reivindicava juntamente com os demais departamentos, a tão almejada autonomia departamental.

Partidários ligados ao movimento “AL socialismo” (MAS) e defensores da política de reforma agrária do governo Evo Morales, marcharam em 2008 rumo à cidade de Cobija, capital de Pando, para exigir a renúncia de Leopoldo Fernandez; que reage com extrema violência contra os camponeses que seguiam na marcha pró - Evo Morales. Vários camponeses foram mortos a mando de Leopoldo Fernandez na chacina que ficou conhecida como o massacre de porvenir.

O Governo Federal interveio, decretou Estado de Sítio no Departamento de Pando e prendeu o governador Leopoldo Fernandez, conseguindo assim neutralizar o avanço das forças dos autonomistas oligárquicos e restabelecer a ordem na República Boliviana.

O movimento de camponeses cresceu e fortaleceu-se ainda mais na Bolívia, fazendo com que suas conquistas se estendessem até a fronteira com o Brasil, chegando inclusive ao Rio Mamu, que faz parte da Amazônia pandina boliviana.

A partir de 2007 os camponeses começaram sua marcha – provenientes principalmente de Riberalta – com destino aos seringais do Rio Mamu – habitado na sua grande maioria por seringueiros brasileiros – objetivando a expulsão dos nossos nacionais e o consequente assentamento nesta área de fronteira.

No final de 2007 e início de 2008 a situação agravou-se de forma bastante violenta. O movimento camponês que estava de posse de armamentos pesados passou a ameaçar de morte os seringueiros brasileiros, caso insistissem em permanecer na área de abrangência do Rio Mamu.

A convivência no Rio Mamu, entre brasileiros e bolivianos, antes da eclosão do conflito, era de muita paz e harmonia. A luta pela terra na região de fronteira foi comandada por camponeses que desconheciam totalmente a cultura dos seringueiros, quer sejam brasileiros, quer sejam bolivianos, o fato é que a maioria dos camponeses adentrou no Rio Mamu através de uma estrada vicinal de aproximadamente 200 km de extensão aberta por madeireiros da região de Riberalta, objetivando fazer uma ligação por terra, entre às margens deste rio até a referida cidade. Por esta estrada eram transportadas grandes quantidades de madeira, extraídas de forma ilegal, por empresas estabelecidas principalmente em Riberalta.

O movimento de expulsão de brasileiros deu-se durante todo o trajeto que percorre o Rio Mamu, desde a sua foz no Município de Santos Mercado, até a sua nascente no Município de Santa Rosa Del Abuná.

Em janeiro de 2008, o seringueiro Francisco de Souza Queiroz, conhecido por França Lima, denunciou a invasão de um grupo de camponeses armados na sua casa.

O seringueiro resolveu escrever uma carta e enviar ao Projeto Ética e cidadania de Extrema, denunciando o fato acontecido. Na carta escrita por ele, o mesmo relata que no dia nove de janeiro de 2008, chegaram mais de trinta bolivianos armados, entraram em sua casa às dezoito horas e vinte e cinco minutos e deram um prazo de três dias para que a família desocupasse o seringal e fossem embora para o Brasil. Na residência invadida, segundo França, só se encontrava sua esposa, a filha e o genro com outra criança e um trabalhador que estava com malária.

O seringueiro França estava em Extrema onde teria vindo comprar algumas mercadorias; Sabendo da notícia foi tentar resgatar sua família, mas quando chegou à ponte – local onde os camponeses se reuniam – o seringueiro brasileiro foi impedido de passar e mandaram-no voltar. Mateiro e conhecedor antigo da região, França entrou na mata, percorreu vários varadouros, saiu próximo ao município da Acrelândia no Estado do Acre, retornou por outro varadouro e finalmente conseguiu chegar até o seringal “Providência”, do qual era dono. Chegando a casa, conseguiu organizar o pouco de pertences que possuía e partiu de volta ao Brasil e desta feita pelo próprio Rio Mamu. Ao chegar à mesma ponte, três dias depois, de barco e trazendo a família, os camponeses queriam de todas as maneiras saber como ele tinha passado por lá, sem que eles o tivessem visto, e o seringueiro França respondeu que tinha “*varado a mata*”. De volta ao seu país de origem, França disse que vai começar tudo de novo, só que agora aqui no Brasil.

Ataques e ameaças a outros seringueiros passaram a ser constantes.

O seringueiro Leonardo Piedade Fragoso, conhecido por “Belo”, assim como todos os seringueiros brasileiros residentes ao longo do Rio Mamu-, também passou por grandes constrangimentos e humilhações. Morador há 42 anos no seringal Primavera, Belo conseguiu montar um pequeno comércio no distrito de Extrema, comprou um batelão e como regatão passou a negociar mercadoria com os demais seringueiros residentes ao longo do Rio Mamu.

Leonardo Piedade diz ter sido muito humilhado pelos camponeses. Foi impedido de navegar no Rio Mamu. Expulso do seringal Primavera continuou apenas a exercer a atividade normal de pequeno comerciante.

“Belo” conta que o que mais “lhe doeu”, foi ouvir um camponês boliviano armado lhe falar: “*Não faça charque de você, porque carne de negro amarga*”. O preconceito inaceitável fez com que Leonardo Piedade ficasse totalmente desiludido com os seringais da Amazônia pandina boliviana.

O seringueiro Manoel Aguiar, dono do seringal Pedro Porto, enfrentou momentos difíceis juntamente com sua família, que foi pego de surpresa em sua própria casa por cerca de sessenta camponeses armados e ameaçando à todos de morte, caso não desocupassem imediatamente o seringal.

Segundo o seringueiro brasiviano eles já foram chegando e cortando os punhos das redes de sua família. Ele diz que seus filhos queriam reagir, mas ele impediu, pois o grupo deles era muito maior e certamente caso houvesse uma reação, toda sua

família morreria, e preferiu ficar ouvindo as humilhações, tendo que obedecer ao prazo de três dias para desocupar as terras.

Não havendo alternativa para o seringueiro Manoel Aguiar, ele abandonou o seringal e ao lado da família deixou o Rio Mamu e retornou ao seu país de origem “Com as mãos abanando”, disse ele. O golpe foi grande, Aguiar deixou uma vida de trabalho para traz. Diz ter passado três meses sem beber e sem comer e entrou numa depressão profunda. Aguiar perdeu 18 burros, 300 cabeças de galinha, 36 mil covas de roça e o velho seringal Pedro Porto. Ele lamenta até hoje essa perda irreparável.

Hoje Aguiar vive doente e constantemente vai à Porto Velho fazer hemodiálise. Ele precisa fazer um transplante de rins, mas os filhos que poderiam ser doadores também sofrem da mesma doença. Desde o início de 2008 quando foi expulso pelos camponeses de suas terras, Aguiar não voltou mais ao seu seringal. Os bolivianos que tomaram posse das terras também não resistiram, e por falta de apoio do governo boliviano, tiveram que abandonar o seringal Pedro Porto. O seringal atualmente encontra-se totalmente abandonado, restando nele apenas os rastros de destruição.

7.1 Diplomacia, relações exteriores e a reterritorialização dos extrativistas brasivianos para o território federal brasileiro.

A linguagem diplomática foi e continua sendo a principal “ferramenta” utilizada no sentido de manter acesa a luz da paz. Neste sentido concordamos com LINS (1987, p. 46. 47). O autor comenta que quem fala a linguagem diplomática certamente estará muito preocupado em manter o autodomínio, a presença de espírito, a objetividade, a segurança, a lucidez, a clareza. Nas relações internacionais, no entanto, é a mensagem pessoal que constrói as relações ou as interpreta. No dia 23 de janeiro de 2008 – em uma das várias visitas realizadas no distrito de Extrema do Rondônia, por integrantes do Consulado de Cobija, da Embaixada Brasileira em La Paz e do Itamaraty – estiveram em uma reunião no auditório da escola Jayme Peixoto de Alencar Cônsul brasileiro em Cobija, assessora jurídica do consulado do Brasil em Cobija, Força Naval Boliviana e assessor do governo de Pando.

Diversas denúncias foram registradas de maus tratos aos nacionais brasileiros do rio Mamu. No dia seguinte as autoridades presentes viajaram para a área de conflito, onde foi realizada uma reunião improvisada no meio da floresta amazônica boliviana com o objetivo de se evitar um derramamento de sangue na região de fronteira Brasil/Bolívia.

No ano de 2009 representantes do Itamaraty, do Instituto Nacional de Reforma Agrária – INCRA, e da Organização Internacional para Migrações – OIM, estiveram em Extrema para realizar um recadastramento dos seringueiros brasivianos do Rio Mamu. O papel da OIM era de coordenar os trabalhos de assentamento dos seringueiros que estivessem residindo na faixa de 50 km da área de fronteira – algo não permitido pela constituição boliviana – para outras regiões bolivianas fora do alcance da área dos

cinquenta quilômetros, caso estes fizessem a opção por continuarem residindo na Bolívia.

A Embaixada Brasileira em La Paz realizou todo o cadastramento juntamente com o INCRA no sentido de fazer o assentamento dos nossos brasivianos aqui no Brasil, mas até aquele momento apenas uma família de um total de quase sessenta, havia sido reassentada, enquanto o restante ainda continuava em busca da terra prometida. A voz dos excluídos não morrerá. A língua liberta e promove a emancipação do sujeito histórico. Conforme alerta GNERRE (2009, p. 5): “*As pessoas falam para serem “ouvidas”, às vezes para serem respeitadas e também para exercer uma influência no ambiente em que realizam os atos linguísticos*”.

Mais de oitenta famílias foram cadastradas no intuito de serem contempladas com um pedaço de terra no Brasil. Destas, cinco estão insistindo em permanecer nos seringais do Rio Mamu e quinze famílias desistiram de deixar a fronteira Binacional. Estas estão sobrevivendo trabalhando em grandes fazendas de gado na Região da Ponta do Abunã.

Aproximadamente trinta famílias foram levadas para um assentamento em Candeias do Jamari no Estado de Rondônia, mas devido à falta de assistência, elas retornaram para o distrito de Extrema e estão vivendo como podem. Outras vinte e cinco famílias foram levadas para um assentamento no Estado do Acre e aproximadamente a metade destas resistem à revelia de políticas públicas negligentes de um Estado omissivo e descompromissado com uma minoria marginalizada.

Os brasivianos do Rio Mamu continuam a lutar por dignidade na construção e reconstrução de novas territorialidades na Pan – Amazônia brasileira e boliviana. O imaginário social da floresta de Pando continua presente em suas vidas e as paisagens naturais tornaram-se imbricadas no seu ser, algo que não podem mais ser desgrudadas de sua existência.

8 | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os migrantes nordestinos persuadidos pela propaganda desenfreada e enganosa do Estado Novo acreditaram que o “paraíso verde” seria a mais real e verdadeira solução para fugir do estado de miséria e desolação em consequência das constantes secas que assolava a caatinga nordestina durante as primeiras décadas de 1940.

Transformados em soldados e soldadas da borracha eles trouxeram para os seringais nativos da Amazônia brasileira uma vasta riqueza sócio – linguística – cultural que se tornou imbricada nos saberes e viveres das populações tradicionais do vale amazônico. Enfrentaram juntamente com seus remanescentes o avanço da frente pecuária extensiva que destruía seus habitats naturais durante as décadas de 1970 e 1980. Travaram inúmeros empates na luta pela posse de suas terras e muitos tombaram sem vida nesta empreitada. Adentraram na pátria boliviana à procura de

paz e fartura. Superaram a figura do seringalista e adotaram novos modos de vida, livres da exploração e dominação social. Quando achavam que a identidade brasiviana estava segura e consolidada, mais uma vez são escorraçados do país vizinho sem direito a nada.

Agora repatriados recebem um pedaço de terra em território federal brasileiro e são mais uma vez condenados a viverem expatriados e dependendo de migalhas de um pão escasso frente à ociosidade estatal humilhante. Diante de programas milionários de assentamentos coordenados por organismos nacionais e internacionais, os brasivianos do Rio Mamu continuam acenando por justiça social e clamando ainda que tardio por dignidade.

A ineficiência e a falta de austeridade em políticas públicas impedem o surgimento de paradigmas que resgate a dignidade e a decência. Os brasivianos do Rio Mamu resistem a um truculento descalabro de atrocidades que deteriora valores, aniquila a emancipação, extermina o imaginário, fere a cidadania, afugenta saberes e escamoteia a realidade.

REFERÊNCIAS.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão**. São Paulo: Editora ática, 2007.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**. São Paulo, Perspectiva, 2015.

GNERRE Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo. Martins Fontes, 2009.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis, Editora Vozes, 2002.

LINS, A. Estellita. **Linguagem Internacional e Diplomacia**. Brasília: Escopo Editora, 1987.

SECRETO, M. V. **A Ocupação dos “Espaços Vazios” do Governo Vargas: Ou “Discurso do Rio Amazonas” à Saga dos Soldados da Borracha**. Rio de Janeiro: Revista de Estudos Históricos, N. 40, 2007.

SILVA, Maria das Graças, SN.N. **O Espaço Ribeirinho**. São Paulo, Terceira Margem Editora Ltda, 2000.

SOUZA, C. A. A. De. **História do Acre**, Rio Branco, Autor/editor, 2006.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-78-9

